

FLIP 2014

Densidade ianomâmi e humor crítico entre o céu e a terra

Mesas tiveram conhecimento indígena e balanço da carreira de Millôr

ANDRÉ MIRANDA, GUILHERME FREITAS, MATEUS CAMPOS, THAIS BRITTO e MAURÍCIO MEIRELLES
De Paraty
prosaeverso@oglobo.com.br

A tinta no rosto do curador da 12ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), Paulo Werneck, já deixava claro que o debate “Marcados” fugiria da dinâmica habitual do evento. No palco da Tenda dos Autores, foi a primeira vez em que a Flip recebeu um índio ianomâmi, com direito até a momentos falados em seu idioma de origem. O ineditismo coube ao pajé Davi Kopenawa, presidente da organização Hutukara Associação Yanomami. Na mesa em Paraty, na tarde de ontem, ele tratou da perseguição sofrida pelo povo indígena ao longo dos séculos: Kopenawa, ele mesmo, teria sido jurado de morte em Roraima, estado onde vive. O líder ianomâmi falou ao lado da fotógrafa Claudia Andujar, sob mediação da jornalista Eliane Brum.

A sexta-feira da Flip teve ainda momentos bem-humorados, com destaque para mais uma mesa sobre o homenageado desta edição, Millôr Fernandes, com a participação de Cássio Loredano, Claudius e Sérgio Augusto, e outra que reuniu o paquistanês Mohsin Hamid e o paulistano Antonio Prata.

A expectativa maior, porém, era mesmo por Kopenawa, autor de “A queda do céu”, livro assinado em conjunto com o antropólogo Bruce Albert, já lançado em francês e em inglês, e cuja tradução para o português sairá no ano que vem pela Companhia das Letras. Ele e Claudia foram bastante aplaudidos quando apareceram no palco da Flip. A mesa foi a primeira de duas programadas na festa para debater a questão indígena — a outra acontecerá hoje, às 17h15m, com os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Beto Ricardo.

DIFICULDADE COM PERGUNTAS

As primeiras palavras de Kopenawa foram em ianomâmi, logo em seguida traduzidas para o português pelo próprio debatedor.

— Somos a nação ianomâmi, moramos há muitos anos na fronteira do Brasil e da Venezuela. Eu agradeço que vocês me deixem entrar aqui, na sua casa — disse Kopenawa. — No livro, eu queria mostrar a sabedoria do povo ianomâmi, para vocês, os não índio, não pensarem que a gente não sabe de nada. O povo ianomâmi é muito rico de história. Não é rico de dinheiro, de carro, de avião. É rico de conhecimento da nossa floresta amazônica.

Parte das palavras de Kopenawa foram transformadas em imagens por Claudia, fotógrafa nascida na Suíça, mas radicada no Brasil desde a década de 1950. Fotos suas, inéditas, foram editadas num vídeo intitulado “O desabamento do céu”, apresentado nos telões da Tenda dos Autores.

— Há uma mitologia ianomâmi que fala que o ser humano tem que respeitar a vida, manter uma harmonia para a Terra funcionar — disse Claudia. — O céu, em cima da terra em que nós vivemos, vai cair. E tudo vai acabar. Vai ser o fim do mundo. E muitos desses seres daqui vão desaparecer.

O desenrolar da mesa foi um pouco prejudicado pela dificuldade de Kopenawa em compreender as perguntas de Eliane Brum — em vários momentos ela teve que ser ajudada por Claudia. Também havia uma expectativa para que o líder ianomâmi comentasse os atentados de morte que vêm sofrendo, mas o assunto ficou restrito à introdução da mediadora. Kopenawa, porém, falou sobre a ação



Riqueza espiritual. Ameaçado de morte, xamã Davi Kopenawa falou sobre a ação predatória dos não índios

“Os não índio chegam em terras indígenas e derrubam tudo o que nós temos. Agora é hora de vocês se levantarem e cobrarem o erro do homem”

Davi Kopenawa

Líder ianomâmi

predatória dos não índios na natureza.

— Vocês, moradores daqui, no beira-mar, quero que vocês saibam o que aconteceu com o povo indígena no Brasil. O homem da cidade matou, estragou nossos rios, cortou a floresta, raspol a terra e trouxe doenças — disse Kopenawa. — Paraty era lugar de nossos parentes indígenas, os guarani. Os não índio chegam em terras indígenas e derrubam tudo o que nós temos. Agora é hora de vocês se levantarem e cobrarem o erro do homem.

Já em outras mesas, a densidade do discurso de Kopenawa foi substituída por humor, leveza e ironia mesmo em assuntos delicados. A carreira na

imprensa de Millôr Fernandes foi o tema do encontro “O guru do Méier”. O debate reuniu o cartunista Claudius, o jornalista Sérgio Augusto e o caricaturista Cássio Loredano, colunista do GLOBO, com mediação do jornalista Hugo Sukman. Amigos e admiradores de Millôr, os três convidados falaram sobre as inovações lançadas pelo escritor e desenhista em “O Cruzeiro”, “Pif-Paf” e “Pasquim” e sobre sua ironia e combatividade.

— Ele era muito corajoso. E perigoso, em vários aspectos, sobretudo o político. A estatura que Millôr tem hoje se deve ao fato de ter sido por décadas o vigia dos gerentes da coisa pública. O tamanho do escritor e do desenhista, o futuro dirá — disse Loredano.

Em outro bom momento da Flip, a mesa “Livro como um táxi” contou com a presença de Mohsin Hamid e Antonio Prata, que utilizaram política, literatura e até a MPB como fio condutor para o bate-papo. O público presente em Paraty viu ainda o jornalista americano Andrew Solomon ser muito aplaudido pela plateia ao falar, numa entrevista conduzida pelo também jornalista Otávio Frias Filho, sobre seu estudo sobre a depressão. E Michael Pollan divertiu o público numa mesa sobre alimentação saudável mediada por Paulo Werneck. ●



NA WEB
oglobo.com/cultura/flip2014
Leia a programação completa da Flip

Filhos relembram perdas de Herzog e Rubens Paiva

Mesa ‘Em nome do pai’, mediada por Zuenir Ventura, tem auditório lotado em Paraty

LEONARDO CAZES e THAIS BRITTO
De Paraty
prosaeverso@oglobo.com.br

Marcelo Rubens Paiva e Ivo Herzog tinham praticamente a mesma idade quando perderam os pais nas garras do aparelho repressivo da ditadura militar: 11 e 9 anos, respectivamente. Os dois falaram sobre a traumática experiência e de suas lembranças da época para um auditório lotado na mesa “Em nome do pai”, Encontros O GLOBO Especial na Flip, na Casa da Cultura. A mediação foi do jornalista e escritor Zuenir Ventura, escritor e colunista do GLOBO, que conviveu com os dois, e também relembrou o período.

O escritor Marcelo Rubens Paiva é filho do deputado federal Rubens Paiva, que foi preso em casa no dia 20 de janeiro de 1971, levado primeiro para a Base Aérea do Galeão e depois para o DOI-Codi, na Rua Barão de Mesquita, na Tijuca, onde foi torturado e depois desapareceu. Já Ivo Herzog é filho do jornalista Vladimir Herzog, assassinado após se apresentar ao DOI-Codi do 2º Exército, em São Paulo, no dia 25 de outubro de 1975, e hoje preside um instituto que leva o nome de seu pai. Para Marcelo, os dois assassinatos e a tentativa do regime militar de encobri-los são emblemáticos das políticas da ditadura:

— Após o golpe, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) optou por não reagir militarmente e aí surgiram várias organizações de luta armada. A partir de 1968, os militares se uniram contra essas organizações. As pessoas confundem muito a ditadura como a luta entre grupos armados de esquerda e os militares. Mas os dois não tinham nada a ver com isso. Meu pai morava numa casa no Leblon que era ponto de encontro para as pessoas irem a praia.

FIM DA INOCÊNCIA

Ivo lembrou do momento que sua mãe, Clarice Herzog, acordou os filhos, já no dia 26, para dar a notícia da morte do pai. Ele disse que foi tomado por sentimentos antagônicos, já que espaços íntimos da família, como o enterro e a missa de 7º dia, foram transformados em atos políticos.

— Aquela inocência, o mundo normal de todas as crianças, deixa de existir para mim na hora em que a minha mãe me conta o que aconteceu. Primeiro vem o choque e depois a paz deixa de existir. Pessoas muito tensas em casa, muita emoção. Teve o velório no hospital, o enterro, a missa. No enterro, ficou gravada a lembrança da minha mãe gritando para impedir que os funcionários enterrassem o meu pai antes de minha avó chegar. A minha vida se tornou outra.

Zuenir contou que Clarice também ligou para dar a notícia:

— Ela me ligou pouco depois dizendo que tinham matado o Vlado. Ela não falou que ele tinha morrido, sabia que tinha sido morto. Tinha certeza da farsa — contou Zuenir. ●